

entre os dois. E talvez as ramosas cartas nunca houvessem sido trocadas, se a abadessa não tivesse lido o longo relato que Abelardo fez de suas calamidades, buscando consolar um amigo das que este padecia. Censura-o: "Mitigastes as desgraças de um amigo, resgatando uma dívida de amizade: vossa obrigação para conosco é ainda mais sagrada".

Ou: "Escrevestes a um amigo longa consolação, atendendo à sua dor — é certo — mas falando da vossa. Lembrando-lhe, para seu lenitivo, as vossas tribulações, acrescentastes a nossa angústia; querendo minorar seus padecimentos, abristes novas chagas em nós e aumentastes as antigas. Curai, por favor, os males que vos próprio causastes, já que podeis derramar um bálsamo sobre os que outros causaram".

E mais: "Vós me abandonastes com a minha fé vacilante e com o desespero do meu coração. Vossa voz não alerou o meu ouvido, nem vossas cartas consolaram a minha solidão".

Como quem diz: E, todavia, amparastes a quem não tinha, como eu, tanto direito sobre vós...

Virão, ainda, palavras mais candentes:

"Dizei-me, apenas, se o puderdes, por que razão (...) me haveis desamparado e esquecido tanto, que nem tenho tido vossa presença, para me alegrar, nem, na falta dela, uma carta que me console. Dizei-o, — rogo-vos — se fordes capaz, ou então eu direi o que penso e o que todo mundo suspeita. Mais do que a ternura, foi a concupiscência que vos atirou nos meus braços; foi ardor do sangue, antes que amor. Assim se extinguíram os vossos desejos, desapareceram os apaixonados desvelos".

"Outrora, quando querieis arrastar-me aos prazeres do mundo, continuamente me visitáveis com vossas cartas; todo dia, vossas canções punham em todas as bocas o nome de vossa Heloisa"...

Haverá documento mais livre e mais ousado que o dessa monja que durante quarenta anos grita o seu desespero e a sua paixão?

Quando escreve: "Sou ainda jovem e cheia de ardor, mais do que nunca vos amo e sofro atrocemente de levar uma vida para a qual não tinha vocação" — Heloisa relata, com simplicidade pungente, uma das situações mais trágicas que se possa conceber, diz Gilson.

De que personagem feminina, em qualquer época, se ouvirá confissão mais dramática que a da segunda epístola da abadessa do Paraclete?

"Essas voluptuosidades dos amantes, que fruimos juntamente — escreve Heloisa — foram para mim tão doces, que não lhes posso querer mal, e nem mesmo apagar, sem pena, a lembrança que

me deixaram. Para onde quer que me volte, elas se impõem continuamente à minha vista — elas e os desejos delas. Mesmo quando durmo, suas ilusões me perseguem. Até no santo sacrifício da missa, quando a prece deve ser mais pura, as imagens obscenas de tais voluptuosidades cativam de tal modo minha pobre alma, que me ocupo mais dessas torpezas do que da oração. Ai de mim, não deploro os meus erros; antes suspiro por eles. E aquilo que fizemos, os lugares, os instantes em que juntos o fizemos, se acham de tal modo gravados no meu coração, que os vejo, com a vossa imagem viva, e deles não me liberto nem mesmo durante o sono. As vezes, até os movimentos do meu corpo denunciam os pensamentos da minha alma: estes se traem por palavras involuntárias. Quão desgraçada sou e quanto direito tenho de repetir esta queixa dum alma gemente: "Inferiz de mim, quem me livrará deste corpo de morte?"

A profunda transformação espiritual que se operara em Abelardo, em seguida à mutilação, os cuidados que lhe trazia a luta empreendida contra monges corruptos e, enfim, as querelas teológicas em que se envolvera, haviam de dar às suas epístolas tom inteiramente diverso do que as de Heloisa tinham. E nesta diferença de planos encontra-se um dos elementos patéticos da famosa correspondência.

Que faz Abelardo, desde a sua primeira epístola? Procura infundir em Heloisa forças para que ela transfigure em sentimentos divinos cada um de seus sentimentos humanos — escreve Gilson. Se Heloisa outrora o precedera na perfeição do amor humano, ele agora se anteciparia a ela, na via do amor divino. A partir deste instante, a figura do monge não cessará de crescer. Abelardo fará voltar contra Heloisa todos os argumentos que ela emprega. Se é o amor desinteressado que procura, porque não busca o amor de Deus? Afirmara Heloisa que ele jamais a amou, sinceramente. É verdade — retruca — e aí está mais um motivo para que se esqueça dele e se volte para Deus, que só Deus a ama verdadeiramente.

"Meu amor, que nos atolou no pecado, não lhe chamemos amor, e sim concupiscência. Saciei em vós as minhas miseráveis voluptuosidades, e tudo quanto eu amava era isto". Que Heloisa não o deplora pelo castigo que lhe foi infligido: "Deus é justo. Deus é cheio de clemência. Permitiu a terrível traição de vosso tio; mas foi para enriquecer minha alma de divinos acréscimos, que ele privou meu corpo dessa parte que era o domínio e o império da libertinagem, e a fonte de minha concupiscência. O membro que foi punido é o que havia pecado;

expiou, pela dor, o crime de seus prazeres".

Heloisa deve receber pacientemente as provas que lhe são enviadas. O Senhor castiga aqueles a quem ama. Fere o corpo e cura a alma. Detém a gangrena para que o corpo fique são. "Todos aqueles tumultos impuros, que outrora agitavam minha alma, estão, agora, encadeados, e as tempestades da concupiscência não revolvem mais o meu peito congelado: Deus me fez de mármore, para me preservar da queda. Mas, ao contrário, deixando a vós o escolho de vossa mocidade e dos esus sonhos abrasadores, das suas constantes tentações, ele vos reservou, evidentemente, a coroa do martírio. Ainda que vós vos recuseis a ouvi-lo, ainda que me proibais de dizê-lo, esta é a verdade. A coroa é a recompensa daquele que luta sem tréguas, e não será coroado senão aquele que combater até o fim.

Se Heloisa se vangloria de estar pronta a segui-lo até o inferno, parece que o único lugar para onde ela se recusa a segui-lo é o céu, escrevera Abelardo na Epístola V. Heloisa se acusa de indignidade, e supõe que são inúteis suas preces. Rebaixando-se, assim, mais do que o razoável, não está com faceirices? Humilha-se para que seja exaltada — diz, com acento levemente irônico.

Comenta Gilson que o leitor moderno perguntará a si mesmo, como o fez Abelardo, se as cartas da Abadessa do Paraclete acaso não exprimem — além de uma aflição sincera e profunda — também a obstinação em se firmar numa atitude que antigamente fora espontânea e que, depois, passou a ser voluntária. Assim, haveria em Heloisa um pouco desse culto exacerbado da dor, assinalado por Luciano em Cornélia: "e, cultivando com desvelo sua dor bravía, ela se compraz em suas lágrimas e ama o seu luto, antes que o esposo".

Por mais tocante que sejam as queixas de Heloisa — prossegue Gilson — é incontestável que a figura de Abelardo avulta e lhe ganha superioridade, a essa altura.

A partir da Epístola V, vai-se evidenciando a rendição de Heloisa: "Não se dirá que haveis podido alguma vez acusar-me de desobediência; minha palavra será moderada, senão minha dor, e vossa proibição lhe servirá de freio. Pelo menos ao vos escrever, tomarei a peito suprimir estas fraquezas contra as quais é tão difícil, ou impossível, nos premonirmos na conversação".

Seria bom podermos concluir que, conquistada pela eloquência de Abelardo e seduzida pelo seu alto ideal de caridade cristã, Heloisa acabou por convir em amar a Abelardo por amor a Deus, em vez de amar a Deus, por amor de Abelardo, — diz o autor de "Héloise et Abelard". Mas, se esse consentimento foi dado, só o foi no coração, e nunca nas cartas. Não pertence, pois, à História.

"Para nós — remata o ilustre medievista, no capítulo "La conversion de Abelard" — o acerto debate, em que se defrontaram estas duas grandes almas, acaba com a submissão cristã de Abelardo à Providência, na alegria do sacrifício, e com a aceitação estóica de Heloisa, segundo os modelos clássicos deixados por Sêneca e por Luciano".

Carta a Um Deputado

Meu caro deputado Nelson Carneiro,
Câmara Federal

Que surra, companheiro! Foi por 187 votos contra 46 que a Câmara rejeitou a emenda divorcista à Constituição, isso quando seriam necessários dois terços para aprová-la — sem falar no Senado; e a maior parte daquele pessoal do Senado, você sabe, não se interessa pelo divórcio, achando que ele viria tarde demais.

Também aí na Câmara a maioria não se interessou, embora por motivos diferentes; e como a questão foi aberta pelo dr. Capanema é de supor que cada um teve lá seu motivo. O Governo agiu sãbiamente não fechando questão, visto que a Igreja a fechara, a Igreja, e as senhoras dos senhores deputados; nunca houve uma questão tão bem fechada.

Você citou, em apóio de sua emenda, o caso do saudoso líder udenista Soares Filho, caso que eu não conheço bem; poderia citar casos mais populares, como o do bancário Afrânio e do "chauffeur" Madragôa. O padre Arruda Câmara afirmou que 95 por cento da população do país é contra o divórcio. Não sei onde o reverendo foi buscar essa estatística. Também não sei em que se baseia o deputado Emilio Carlos para afirmar, em contraposição, que 70 por cento das mães brasileiras são solteiras. "Quel pays!" — como exclamava uma senhora francesa minha amiga, vinda de Paris, mas espantada com certos hábitos amorosos dos brasileiros. Meu Deus, se isso é verdade, então somos um povo de filhos da mãe. Ah, por favor, Nelson, não ache forte minha expressão, que ela não o é; já o bom Álvaro Moreyra se espantou ao reparar que somos o único país do mundo em que "mãe" é palavra feia. "Quel pays!"

Houve aí quem falasse em tradição; foi o meu prezado professor Alebrto Deodato que defendeu "as tradições trazidas nas caravelas de Cabral"; mas houve também (o Vieira de Melo) quem lembrasse que a escravatura também era uma tradição, e nem porisso a conservamos.

A escravatura, o feudalismo, a monarquia; o bicho-de-pé, as ceroulas, as bichas aplicadas pelos barbeiros, quantas tradições perdidas! E isso sem falar na força e no esartejamento, de saudosa memória.

Voltemos às Ordenações, meu caro Nelson Carneiro, porque elas também vieram nas caravelas do almirante. Eu, com franqueza, não gosto de ir a essa Câmara, pelo escândalo que me parece ver aí, no meio dos homens (e alguns bastante perigosos) senhoras e senhoritas que deveriam, segundo a boa tradição da família brasileira, estar trancadas em casa, a ralar com os meninos ou a jogar bilboquê.

Deputado, adeus.

RUBEM BRAGA

